

ESCOLA ESPECIAL ROSALINDA HADDAD: EDUCADORES X DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN

SPECIAL SCHOOL ROSALINA HADDAD: EDUCATORS X COGNITIVE AND SOCIAL DEVELOPMENT OF THE STUDENT WITH DOWN'S SYNDROME.

¹GAINO, C. S. T; ²CARVALHO, E. L. L.

¹Discente do Curso de Ciências Biológicas /FIO/FEMM

²Docente do Curso de Ciências Biológicas /FIO/FEMM

RESUMO

A síndrome de Down é a síndrome genética de maior incidência e tem como principal consequência a deficiência mental. Estudos recentes demonstram que um ambiente facilitador favorece o desenvolvimento dessa criança. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi conhecer o perfil dos educadores da Escola Especial Rosalinda Haddad, da cidade de Chavantes-SP, bem como verificar se estimulam o desenvolvimento cognitivo e social de seus alunos. Fizeram parte desta amostra nove educadores da escola no qual foi aplicado um questionário. Dos resultados obtidos verificou-se que a maior parte dos professores trabalha a mais de 3 anos na educação especial, possuem formação voltada para a área e já atuaram com crianças com síndrome de Down. Constatou-se também que seguem o currículo escolar proposto pela escola respeitando a individualidade de cada aluno, motivando-os e aumentando a auto-estima. Conclui-se que a maior parte dos educadores da Escola Especial Rosalinda Haddad, estão preparados para trabalharem com a educação especial, estimulando o desenvolvimento cognitivo e social de seus alunos.

Palavras - chave: Síndrome de Down; Educação especial; Cognição.

ABSTRACT

Down's syndrome is the genetical syndrome of great incidence and has main consequence the mental disabling. Recent studies show that a good ambient favors the development of this child. So, the objective of the present study was to know the profile of the educators of the special school Rosalinda Haddad, from the city of Chavantes -SP, as well, verify if they stimulate the cognitive and social development of their students. Nine educators from the school made part of this sample a questionnaire has been aplicated. From the got results we could verify that the most part of the teacher's works since more than three years in the special education, they have graduation focused on the area and have already acted with children with Down's syndrome. We also noticed that they follow the proposed school project respecting the individuality of each student, motivating and raising their self-esteem. We conclude that the most part of the Educators of the special school Rosalinda Haddad are ready to work with the special education, motivating the cognitive and social development of their students.

Keywords: Down Syndrome; Special Education; Cognitive.

INTRODUÇÃO

A síndrome de Down, ou trissomia do 21, é o distúrbio cromossômico mais comum e melhor conhecido. As minúsculas partículas do corpo humano, chamadas

de células, são responsáveis, por carregar as características e fazer o funcionamento do nosso corpo, cada uma delas contém 46 cromossomos divididos em pares. Caso ocorra qualquer problema na hora da divisão celular, toda formação do novo ser humano pode ser afetada, segundo referem Nussaum, McInnes e Willard (2002).

Silva e Kleinhans (2006) referem que a síndrome de Down é a síndrome genética de maior incidência e tem como principal consequência a deficiência mental.

Quanto às características clínicas da síndrome de Down, Nardi (2004) relata, principalmente, atraso mental, alguns com grau avançado e outros mais moderados, hipotonia muscular, baixa estatura, anomalia cardíaca, perfil achatado, orelhas pequenas com implantação baixa, olhos com fendas palpebrais oblíquas, língua grande, protrusa e sulcada, encurvamento dos quintos dígitos, prega palmar transversa (linha simiesca).

Em crianças com síndrome de Down o processo de aprendizagem acontece de maneira mais lenta, e como para qualquer criança, a educação deve começar pela família, através do ensino informal, pois, é neste ambiente que acontece o primeiro contato social, fundamental para o crescimento do infante. Lefèvre (1981) refere que apesar do desenvolvimento ser lento esta criança se desenvolverá diariamente, evoluindo em inteligência e habilidades. Silva e Kleinhans (2006) corroboram com essa citação ao afirmarem que, nas últimas décadas, ficou evidente que pessoas com síndrome de Down têm potencial cognitivo a desenvolver. Schwartzman (1999), reforça que o fato de apresentarem lentidão em aprender e desenvolver certas habilidades quando criança, não significa que mais tarde não conseguirá adquirir. Para tanto, Tanaka e Silva (1992), reforçam que intervenções terapêuticas e ações educacionais devem ser iniciadas o mais cedo possível, favorecendo o desenvolvimento de todo o seu potencial.

Mantoan (1997), refere que o desenvolvimento cognitivo decorre da interação da criança com o ambiente ou seja, a participação do meio como mediador da aprendizagem, visando a um desenvolvimento significativo.

Segundo Bressan (2002), quanto melhor for a ligação afetiva da família com a criança, mais fácil será a aprendizagem, proporcionando condições de desenvolvimento para a segurança e a autonomia da mesma. Voivodic (2004) ressalta que é importante a família e, em especial a mãe, procurar se adaptar as

necessidades da criança, de maneira que sejam oferecidas oportunidades no sentido de integrar e favorecer o acúmulo de experiências, possibilitando, assim, seu desenvolvimento.

Lefèvre (1981), verificou que a notificação do nascimento de uma criança com síndrome de Down logo é superado, assim que a criança consegue transpor as dificuldades iniciais, tais como, falar, andar, ao entrar na escola – a família retoma a confiança e entende que ela irá se desenvolver só que num ritmo mais vagaroso.

O autor complementa que é de fundamental importância que a família procure um programa de estimulação precoce para que a criança com síndrome de Down se integre em todas as áreas do desenvolvimento bio-psico-social, favorecendo uma base adequada a aprendizagens futura.

Embora a síndrome de Down seja classificada como deficiência mental, não se pode saber qual será o limite do desenvolvimento da criança. A educação dessas crianças deve atender suas necessidades especiais sem se desviar dos princípios básicos da educação propostas às demais crianças, de acordo com Silva e Kleinhans (2006). Voivodic (2004), considera que a síndrome de Down não deva ser um empecilho para que a criança fique privada das mesmas oportunidades educacionais. O papel do professor é muito importante, pois caberá a ele promover a educação formal por meio de ações que favoreçam ganhos sociais e cognitivos.

A aprendizagem exige respostas que podem ser motora, verbal ou gráfica. A resposta manifestada pela criança com síndrome de Down será pobre devido às limitações que apresenta. Troncoso e Cerro (1999) relatam que crianças com síndrome de Down apresentam pouca iniciativa, dificuldade em manter a atenção, tendência à distração e escassa exploração do meio. Contudo, Silva e Kleinhans (2006) deixam claro que a possibilidade de ampliar e determinar certa resposta estarão condicionado ao apoio do meio. Quanto mais se oferecer um ambiente solicitador, que promova autonomia e diferentes possibilidades de descobertas de seu potencial, melhor será para o seu desenvolvimento. A educação requer paciência, dedicação e firmeza, sobretudo carinho e amor de pais e profissionais.

Diante de tal exposição, esse estudo teve o intuito de conhecer o perfil dos educadores da Escola Especial Rosalinda Haddad, da cidade de Chavantes-SP, bem como verificar se estimulam o desenvolvimento cognitivo e social de seus alunos.

MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo foi realizado na Escola Especial Rosalinda Haddad, da cidade de Chavantes-SP. Trata-se de uma escola nova, com apenas dois anos de funcionamento. Possui 45 alunos matriculados.

Os pontos levantados para a coleta de informações se deram em forma de questionário, contendo perguntas fechadas e abertas objetivando a coleta das opiniões e práticas dos docentes junto a alunos com síndrome de Down. Para tanto, optou-se como base metodológica uma abordagem quanti-qualitativa. Fizeram parte desta amostra 9 educadores da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise dos resultados dos questionários aplicados aos educadores, foi possível constatar que 1 (11%) educador atua a menos de 1 ano com a educação especial, 6 (67%) trabalham a pouco mais de 2 anos, 1 (11%) há 3 anos e, também 1 (11%) trabalha na educação especial há 20 anos.

Destes educadores, 8 (89%) referiram que já trabalharam com alunos com síndrome de Down e apenas 1 (11%) relatou que ainda não teve oportunidade de trabalhar com esses alunos.

Dos 9 (100%) dos professores participantes, 5 (56%) afirmaram que possuem formação voltada para a educação especial, tendo realizado Curso de Especialização em Educação Especial, bem como, cursos de aprimoramento de 180 horas.

Observando os resultados obtidos por meio dos questionários verificou-se que 3 (33%) dos professores utilizam o currículo funcional para as práticas pedagógicas realizadas com os alunos que apresentam síndrome de Down, já 4 (45%) dos professores usam a socialização como prática pedagógica e 2 (22%) utilizam-se da educação formal.

Quando abordado aos professores de que maneira a escola pode ajudar na aprendizagem dos alunos com síndrome de Down, houve unanimidade em suas respostas, onde todos responderam que é preciso seguir o currículo normalmente, porém, respeitando os limites e as habilidades individuais de cada um. Estes dados

são reforçados por Voivodic (2004), quando diz que a síndrome de Down não deve ser um empecilho para que a criança fique privada das mesmas oportunidades educacionais.

Verificou-se, também, que todos os professores trabalham de alguma maneira para estimular o desenvolvimento cognitivo desses alunos. Nesse sentido, Lefèvre (1981), Tanaka e Silva (1992), Schwartzman (1999) e Silva e Kleinhans (2006), reforçam a importância de se estimular o desenvolvimento cognitivo das crianças com síndrome de Down, uma vez que é por meio desses estímulos que poderão desenvolver todo o seu potencial.

Em relação às estratégias utilizadas pelos professores para esta estimulação são variadas, dentre elas foram relatadas que procuram manter os alunos motivados, elevando a auto-estima, trabalhando do concreto para o abstrato, trabalhos manuais, tais como tear, pintura, bordado e culinária, também foram mencionadas atividades lúdicas, vídeos, simbolização, músicas, histórias e fábulas.

Quanto às principais dificuldades que os professores relataram apresentar para desenvolver a aprendizagem dos alunos com síndrome de Down verificou-se que a maioria dos professores referiu-se ao tempo, uma vez que esses alunos apresentam-se mais lentos em sua aprendizagem e também pela necessidade de trabalhar de forma repetitiva para a fixação dos conteúdos ensinados. Alguns professores mencionaram a dificuldade em estabelecer parceria com a família. Relataram ainda outras dificuldades encontradas, tais como, mantê-los motivados para o aprendizado e o grau da limitação cognitiva do aluno. Na literatura concernente, autores como Silva e Kleinhans (2006), Bressan (2002), Voivodic (2004) e Mantoan (1997), confirmam esses dados ressaltando que é de fundamental importância a participação da família junto aos professores para que favoreça o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. A educação requer paciência, dedicação e firmeza, sobretudo carinho e amor de pais e profissionais.

Em relação às propostas pedagógicas os professores disseram que são desenvolvidas atividades culturais por meio de jogos, músicas, plantio e outros.

Ao ser abordado em que situação a inclusão plena de crianças com síndrome de Down na sociedade ocorre, verificou-se que todos os professores, sem exceção, responderam que a partir do momento em que a criança desenvolve ou aprende como se portar diante das situações de vida diária. Para tanto, Bressan (2002), mencionou que tanto a educação informal como a educação formal trará a criança

com síndrome de Down ganhos sociais, afetivos e cognitivos fundamentais para sua integração a sociedade.

O último aspecto abordado foi em como a família pode ajudar na educação de seu filho com síndrome de Down, todos os professores mencionaram que a família pode ajudar na socialização da criança, respeitando os seus limites. Silva e Kleinhans (2006) e Voivodic (2004), afirmam que as atividades da vida cotidiana na família dão à criança oportunidade de aprender e desenvolver-se por meio de modelo, da participação conjunta, da realização assistida e de tantas outras formas de medir a aprendizagem.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos e analisados permitem afirmar que a maior parte dos educadores da Escola Especial Rosalinda Haddad, da cidade de Chavantes-SP já atuaram com crianças que apresentam síndrome de Down; possuem formação voltada para educação especial e trabalham com currículos funcionais. Bem como, todos os educadores estimulam o desenvolvimento cognitivo e social de seus alunos.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, F. G. **A vida por trás dos olhos amendoados**: um livro- reportagem sobre os portadores da síndrome de Down. Londrina: UEL, 2002.

LEFÈVRE, B. H. **Mongolismo**: orientação para famílias. Porto Alegre: Artmed, 1981.

MANTOAN, M. T. E. **A interpretação de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memmon, 1997.

NARDI, N. B. Doenças genéticas-gênicas, cromossômicas, complexas. In: MIR, L. (org.) **Genômica**. São Paulo: Atheneu, 2004. p.138-157.

NUSSAUM, R. L.; MCLNNES, R. R.; WILLARD, H. F. **Genética médica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SCHWARTZAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

SILVA, M. F. M. C.; KLEINHANS, A. C. S. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Rev. bras. educ. espec.** Marília, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 21 jul. 2008.

TANAKA, E. D. O.; SILVA, S. F. Atendimento às crianças portadoras de síndrome de Down e respectivas famílias. **Revista Extensão UEL**, 1992.

TRONCOSO, V. M.; CERRO, M. M. **Síndrome de Down: lectura y escritura**. Barcelona: Masson, 1999.

VOIVODIC, M. A. M. **A inclusão escolar de crianças com síndromes de Down**. Petrópolis: Vozes, 2004.